

ENTREVISTA/JOSÉ SARNEY

“Temos que começar logo para romper a barreira da exclusão”

Garantia de acesso no Brasil

Sandra Lefcovich
Da equipe do Correio

O senador José Sarney (PMDB/AP) acredita que o sistema de cotas adotado pelos Estados Unidos foi bem-sucedido, pois permitiu às minorias daquele país superar a discriminação. Inspirado na experiência norte-americana, Sarney apresentou há quase dois anos projeto de lei estabelecendo cotas de 20% para negros no acesso aos empregos públicos e às universidades — públicas e privadas. No caso das instituições privadas, ele quer utilizar os recursos dos contratos do Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (Fies) para negros, em vez dos alunos carentes, como é hoje.

CORREIO BRAZILIENSE — Há possibilidade de o projeto de lei de cotas para negros ser aprovado em breve?

JOSÉ SARNEY — Estou pedindo urgência para o projeto, acho que devíamos votá-lo durante a Conferência contra o Racismo. O Brasil diz que apóia o sistema de cotas, então aprovar o projeto seria uma maneira efetiva de dizer que apoiamos esse mecanismo. Não podemos ficar na inércia de condenar o racismo. Temos que começar logo para romper a barreira da exclusão.

CORREIO — Como o senhor vê o racismo no Brasil?

SARNEY — A grande discriminação em relação aos negros no Brasil é a da pobreza, e não a racial. A maior mancha da história brasileira é a escravatura, uma mancha que jamais apagaremos da nossa história. O resultado é que não conseguimos nesse tempo todo que o negro tenha ascensão social. Basta dar um exemplo: depois de cem anos da abolição da escravatura, agora temos o primeiro general negro e saudamos isso como uma grande coisa.

CORREIO — A educação seria uma maneira de mudar esse quadro?

SARNEY — Na base de tudo isso é fundamental a possibilidade de eles terem oportunidades iguais às dos brancos para que possam através da educação ter um sentido de libertação. O projeto diz que devemos estabelecer um sistema de cota mínima de 20% dos negros para preenchi-

Lindauro Gomes



SENADOR APRESENTOU PROJETO DE LEI DE COTAS PARA NEGROS

mento das vagas e quero anotar que se trata de cota mínima. Não é teto, é um piso.

CORREIO — Há uma polêmica dentro do próprio MEC com relação às cotas, pois muitos acreditam que elas deveriam ser para alunos pobres, e não apenas para negros.

SARNEY — Sim. Mas o problema em relação aos negros é mais grave que todos os dos outros. As estatísticas são muito denunciadoras. A taxa de analfabetismo entre os brancos é de 8,3%, e a dos negros 19%. No ensino superior, 89% dos jovens brancos entre 18 e 25 anos não ingressaram nas universidades. Entre os negros, a situação é quase de total exclusão: 98% da mesma faixa de idade que não ingressaram nas universidades. Temos um débito com relação à raça negra muito grande.

CORREIO — Há os que argumentam que por ter 45% da população negra, seria difícil adotar no Brasil o sistema usado nos EUA, onde os afro-americanos são 12% da população...

SARNEY — Esse é justamente o problema brasileiro. Não se justifica que quase a metade da população não tenha acesso à universidade. O sistema de cotas vai deflagrar um processo de promoção social da raça negra.

Correio — Não seria mais efetivo melhorar as escolas públicas do que estabelecer cotas nas universidades?

Sarney — Mas da mesma maneira eles ficarão restritos, porque o grande problema de acesso à universidade é que os negros não têm condições financeiras de chegar ao Terceiro Grau. Muitos têm condições intelectuais, mas não podem chegar à universidade porque são barrados pela própria pobreza.

p 26